

26/10/2015 - 05:00

Recuo no déficit de serviços é mais lento que o ajuste externo

Por Arícia Martins

A depreciação cambial e a recessão econômica têm provocado um forte ajuste do setor externo brasileiro neste ano, mas na balança de serviços - que representou cerca de metade do déficit em transações correntes em 2014 - esse processo tem ocorrido em ritmo mais lento. Enquanto, de janeiro a setembro, o saldo negativo do balanço de pagamentos recuou US\$ 24,27 bilhões sobre igual período de 2014, para US\$ 49,36 bilhões, uma queda de 33%, a redução nas contas de serviços foi de apenas US\$ 6 bilhões na mesma comparação.

Nos primeiros nove meses de 2015, a diferença entre o que o país gastou e o que recebeu nas transações internacionais relativas a serviços caiu 17,1% sobre igual período do ano passado, para US\$ 29,329 bilhões. Em igual ordem, o ajuste na balança comercial foi bem mais expressivo: o saldo nessa conta passou de déficit de US\$ 1,986 bilhão em 2014 para superávit de US\$ 8,815 bilhões, puxado pela retração de mais de 23% das importações.



Nos serviços, as importações recuaram em menor intensidade (16,8%), movimento em grande parte explicado pelo menor interesse dos brasileiros em viajar ao exterior, em meio ao cenário de escalada do dólar e menor renda disponível. Segundo o Banco Central, o gasto líquido com viagens internacionais ficou em US\$ 9,806 bilhões até setembro, contra US\$ 14,230 bilhões na mesma época do ano passado, uma queda de mais de 31%.

Por outro lado, o saldo negativo do Brasil com o exterior em aluguel de equipamentos teve redução bem menor no período, de 1,9%, para US\$ 15,836 bilhões. Sozinho, o gasto foi responsável por mais da metade (54%) do déficit total de serviços entre janeiro e setembro. Em igual período de 2014, as despesas nessa conta superaram as receitas em US\$ 16,14 bilhões.

A queda pouco expressiva no déficit com aluguel de equipamentos - que são em sua maioria destinados ao setor de óleo e gás - ocorreu mesmo com o esforço da Petrobras para reduzir custos operacionais. A estatal tem buscado renegociar contratos de aluguel de plataformas marítimas com fornecedores e reduziu o número de sondas contratadas, operações em que também tem tentado diminuir as taxas diárias de aluguel das embarcações. Procurada, a empresa afirmou em nota que não divulga valores de seus contratos de afretamento, "por se tratar de uma informação estratégica."

"A maioria dos contratos de locações de sondas e plataformas são longos e, por isso, demoram mais a responder a tudo que está acontecendo no setor de petróleo e à variação do câmbio", diz Rafael Bistafa, da Rosenberg Associados. Para ele, mais cedo ou mais tarde esse déficit vai cair com mais força, tendo em vista a perspectiva ruim para as cotações internacionais do petróleo, mas esse ajuste será mais vagaroso, pois a conta de aluguel de equipamentos tem dinâmica própria e pouco responde à trajetória da atividade e do dólar.

Ainda influenciam o saldo negativo no arrendamento mercantil as exportações contábeis de plataformas de petróleo pela Petrobras - elas não saem fisicamente do país, mas a estatal paga aluguel para a subsidiária no exterior para obter vantagem fiscal. Segundo levantamento da LCA Consultores, foi exportada apenas uma plataforma de forma contábil neste ano, em junho, ante duas em 2014.

Mesmo sem grande quantidade de novas "exportações", as plataformas continuam afetando negativamente a balança de serviços devido ao aumento do estoque desses equipamentos alugados no país, afirma o economista Rodrigo Nishida. "Subiu a quantidade de plataformas pelas quais temos que pagar o serviço."

Outro reflexo negativo da balança comercial nos serviços ocorre na conta de transportes, observa Bruno Lavieri, sócio da 4E Consultoria. Apesar do tombo de 16,3% nas exportações brasileiras, em dólares, de janeiro a agosto, o volume exportado pelo país subiu 6% no mesmo período segundo cálculos da Funcex, o que demanda gastos com fretes. O saldo negativo na linha de transportes foi de US\$ 4,717 bilhões até setembro, US\$ 1,9 bilhão abaixo do déficit observado em 2014 até o mesmo mês.

Em uma classificação alternativa, de acordo com a funcionalidade, elaborada por ele, o professor Jorge Arbache, da Universidade de Brasília, observa que as empresas têm conseguido cortar gastos com "serviços de custos", como infraestrutura, logística, transportes, armazenagem etc. Na análise mês a mês, o déficit nessa conta, que já chegou a US\$ 7,63 bilhões em dezembro do ano passado, caiu a US\$ 2,76 bilhões em agosto (último dado disponível).

Do outro lado, embora em montante bem menor, o saldo negativo nos chamados "serviços de valor" não mostrou tendência de redução ao longo do ano, e permanece estável na casa de US\$ 600 milhões ao mês. Nesse conjunto, estão setores que agregam mais valor à atividade econômica, como P&D, design, TI e projetos de engenharia.

Para Arbache, o país sofre com baixa qualidade e quantidade de serviços ofertados, que vão desde o aluguel de embarcações até telecomunicações, o que se reflete num déficit persistente na conta de serviços. "A tendência histórica é de um aumento da importação de serviços acima do crescimento do PIB", diz. Como somos pouco produtores de serviços que agregam valor, o economista da UnB avalia que, superada a recessão, o déficit na balança de serviços vai voltar a avançar.

Lavieri, da 4E, projeta que a diferença entre receitas e despesas na conta de serviços vai diminuir US\$ 5 bilhões neste ano em relação a 2014, para US\$ 43,1 bilhões. "Não é uma diferença tão grande. Essa resiliência dos serviços mostra que o ajuste está acontecendo, mas é mais intenso na balança de bens."